

A eclosão do fanatismo

A defesa do princípio que determina o respeito pelos direitos humanos, como o da livre expressão do pensamento, da saúde, do trabalho, da deslocação dentro e fora do respectivo território nacional, da religião, da opção política, etc., etc., anunciado pela ONU nos finais da última grande conflagração mundial e, já antes dessa catástrofe, defendido na Sociedade das Nações, nunca foi respeitada integralmente pelos países que o subscreveram.

É longa a lista do não cumprimento destes princípios e as principais vítimas da falta de respeito por esta regra, no que se refere à livre expressão do pensamento e à livre opção na escolha, apoio ou censura a determinado regime político, têm sido os homens de cultura, e entre eles, nomeadamente, os escritores.

Periodicamente o Ocidente acorda horrorizado com o anúncio de mais um atentado a estes princípios e toma conhecimento das vítimas detidas em prisões ou levadas para campos de trabalhos forçados, ou internadas em hospitais psiquiátricos. Do Chile a Cuba, da África do Sul à União Soviética e seus satélites, da China ao mundo árabe, não faltam tristes e trágicos exemplos dessas situações.

No entanto, embora isso não sirva de atenuante, a falta ao cumprimento do respeito pelos direitos humanos tem-se consignado, nos diversos países, medidas tomadas pelos respectivos Governos em relação a cidadãos desses mesmos países.

O que sucedeu, porém, com o poeta inglês Salman Rushdie é de todo em todo inédito. O che-

Havendo centenas de crenças de carácter religioso, se todos os seus fiéis acordassem um belo dia e decidissem liquidar os fiéis de outras crenças, acabava-se o mundo e nem os ateus escapavam, pois esses pecavam por omissão



Fausto Lopo de Carvalho

fe máximo do Irão, que durante anos encontrou no ocidente europeu, em França, o exílio pacífico de um país democrático, que o protegeu do ódio do Xá e dos seus esbirros, embirrou com os *Versos Satânicos* do autor citado e arroga-se o direito, não só de proibir a difusão do livro no seu país como em todo o mundo, pagando milhões a quem assassine pura e simplesmente o poeta citado e os seus editores.

Uma decisão destas, uma condenação destas, ultrapassa todos os limites imagináveis. Não só desrespeita o direito à livre expressão do pensamento, sujeito apenas à censura ou condenação por instituições de carácter jurídico, como o alarga a cidadãos de países sobre os quais não tem qualquer direito de intervenção. Isto é tão evidente e tem sido de tal forma condenado por todos os Governos e instituições responsáveis que até já se tornou um assunto estafado. E é aí que reside o perigo: o de se iniciar um processo que pode conduzir às mais catastróficas e bárbaras consequências, sem que ninguém se dê ao trabalho de reagir, por se ter transformado num hábito e num lugar-comum.

Amanhã, pode aparecer um maluquinho, chefe de qualquer Estado, o que não é inédito, que embirre com o Saramago, ou com a Lídia Jorge, ou com os poemas do David Mourão-Ferreira, ou ainda com o *Diário* de Miguel Torga, e que decide pagar a esbirros seus para os liquidar pura e simplesmente. E se lhe dá, por exemplo, para se chocar com o nudismo praticado nos países do ocidente europeu e decide metralhar as belidades estendidas no sol? Ou então, furioso com a Câmara dos Comuns inglesa, ou com a dos Deputados francesa, ou com o Congresso norte-americano, decide comprar uma bomba atómica, que dizem não custar mais de 100 contos, na versão mais barata, e lança-la sobre esse antro de podridão que é, segundo o hipotético maluquinho, o mundo ocidental, insulto imperdoável à religião sagrada do Islão. Pior que a inquisição, mil vezes pior! Essa limitava-se a matar os pobres judeus do seu próprio país, ficando-lhes com o dinheiro.

Havendo, como há, centenas de crenças de carácter religioso, se todos os seus fiéis acordassem um belo dia e decidissem liquidar os fiéis de outras crenças, acabava-se o mundo e

nem os ateus escapavam, pois esses pecavam por omissão.

O assunto é sério demais para ser tratado neste tom um tanto irónico. Mas a verdade é que não tem ponta por onde se lhe pegue. E se a situação do escritor inglês é trágica, não se devem esquecer todos os outros que são perseguidos por motivos ideológicos.

Ainda há poucos dias, em plena *perestroika*, foi condenado o dramaturgo checoslovaco Vaclav Havel a nove meses de prisão, acusado de incitar distúrbios e obstruir a ordem, durante as manifestações em Praga para assinalar o 20.º aniversário da morte do jovem Jan

Palach, que se imolou pelo fogo em protesto contra a intervenção, no seu país, em 1968, pelas forças do Pacto de Varsóvia. Mas não foi só ele, outros oito opositores ao regime checo foram julgados por terem depositado flores, como Havel, em honra do jovem morto na Praça Venceslau no centro de Praga, onde se deu a tragédia.

Não se compreende bem que uma cerimónia deste tipo, a deposição de flores, cause distúrbios, mas, se é verdade que tivesse causado distúrbios, é que alguma coisa vai mal nesse velho país europeu. A causa fundamental é a da privação da livre expressão do pensamento



Salmon Rushdie: apesar de tudo, um sorriso

dos cidadãos checos relativa à orientação política do seu país.

Mas na Roménia a situação ainda é mais dramática. E já em tempos publiquei um artigo sobre o aniquilamento que se está a processar, nesse país, das minorias húngaras e alemãs, que ainda somam alguns milhões de habitantes, arrasando-lhes as aldeias, vilas, igrejas, escolas, com o pretexto de melhor aproveitamento agrícola dessas áreas, e instalando esses milhões de seres humanos em *dormitórios*, como se se tratasse de colónias penais. E que dizer do problema da natalidade na Roménia? Eugénio Ionesco declarou perante a Comissão Política do Parlamento Europeu a existência de uma política natalícia das mais bárbaras, que exige a «toda a mulher em idade de conceber que tenha pelo menos cinco filhos» e que prevê exames ginecológicos mensais para impedir toda e qualquer tentativa de aborto.

Estes são apenas alguns factos que demonstram, por parte de certos países que subscreveram o tratado ou diploma no qual se impõe o respeito pelos direitos fundamentais da pessoa humana, a sua total falta de cumprimento de regras universalmente aceites.

Se o caso de Salman é uma tragédia e um atentado inadmissível e que recolhe e reprovação absoluta por parte de todas as nações minimamente civilizadas do mundo, é preciso não esquecer esses outros apátridas mártires de perseguições e discriminações, igualmente criminosas, e que não escreveram livros, nem talvez nunca os tenham lido, mas sofrem, como homens ignorados de todos, o mesmo dos que neste momento são elevados ao pódio do reconhecimento universal da sua condenação.